

Autor: Franklin MAXADO Nordestino

O SANTO JUMENTO NO REINO DOS CÉUS

Continuação do folheto:
O JUMENTO QUE VIROU GENTE



Rua Augusta, 1.524 - loja 55
Tel. 289-8725 São Paulo - SP.

O SANTO JUMENTO
NO REINO DOS CÉUS
Autor: F. Maxado Nordestino

Aqui continua a estória
Do jumento que era santo
Após ver frei Damião
Perdeu todo o seu encanto
Virou um santo beato
Gastou muito o sapato
Andando por todo canto

Até que chegou seu dia
Certo pra desencarnar
Descansou sua matéria
Após muito propagar
Pregando o sinal da cruz
A palavra de Jesus
E o bem realizar

Foi em forma de jumento
Como uma cavalgadura
Depois de passar uns tempos
Voltava a ser a criatura
Pois o perdão de amigo
Continha esse castigo
Pra quem zombou da Escritura

Sua alma foi pro Céu
E São Pedro a recebeu
Procurou nas linhas tortas
O que Deus certo escreveu
Viú que só tinha louvores
Com muitos saldos credores
Então lá a recolheu

O Santo Jumento foi
Conduzido ao salão
Onde deve estar sentado
Jesus, que na saudação
Reconheceu seu amor
Agradeceu o favor
De conduzi-lo na paixão.

Jesus disse ter prazer
Que ficasse em seu meio
E logo ao se retirar
São João fez um paleio
Pensou num forró ligeiro
Pra recebê-lo em seu seio

Houve então essa festa
Pra apresentar o jumento
A todos anjos e santos
Em cima do firmamento
Acenderam tod' estrelas
Que se tornaram mais belas
Em um maior luzimento

Os anjos com as trombetas
Começaram a tocar
Iniciaram com valsas
Pra esquentar devagar
São Pedro vinha com vinho
O jeque tomou um pouquinho
E muitos foram dançar

Chamaram todos os santos
E São Roque já chegava
Puxando pelo seu cão
Logo ele muito ladrava
A pomba do Espírito Santo
Que estava no seu canto
Para lá também voava

São Francisco com seus bichos
Já chegou todo contente
Trouxe pombos e rolinhas
E a pobre de sua gente
Carregando os seus feixes
Santo Antonio trouxe os peixes
Pra aquele aéreo ambiente

São João do carneirinho
Veio puxando uma banda
Pois é o santo festeiro
E com bandeirola anda
Veio pisando com arte
Parece porta-estandarte
De samba que não desanda

Sõ viram São Benedito
Quando acenderam as luzes
As onze mil virgens foram
Conduzindo suas cruzeis
Diversas Nossas Senhoras
Chegaram bem às dez hcras
Entre mantos e capuzes

Aí o mestre jumento
Deu as horas relinchando
Começou a cantar mambo
Dando uns "us" animando
Arreganhava os beiços
Era centro de atenções
Com todos dele falando

São Cristovão em um canto
Resmungava inconformado
O galo o vendo assim
Revelou não ser do agrado
Pois se é o despertador
O Santo é transportador
Daquele reino sagrado

Disse o galo de presépio
Que é quem canta de galo
Dando as horas da madrugada
Não deixando outro passá-lo
Nessa função, para trás
Não ia perder cartaz
Mesmo que fosse um cavalo

No meio do cangraçamento
São Cristovão ciudou
Pediu pra parar a rumba
De voz alta protestou:
-Se o jumento fica aqui
E se Jesus consentir
Agora mesmo me vou

-Pois eu sou o padroeiro
E santo dos motoristas
E Jesus já transportei
Mas já tem os jumentistas
Que desejam me cassar
E antes de me derrubar
Eu vou pegando as pistas

-Se o jegue fica aqui
Eu perco o meu lugar
Não estou enciumado
Apenas quero aclarar
E pra não haver disputa
Nem tampouco alguma luta
Prefiro me afastar

São Jorge que estava perto
Pediu a palavra amiga
Intercedeu junto ao colega
Para não haver mais briga
Temperou com São Cristovão:
-Assim você fica órfão
E peço pra que me siga

São Jorge também falou
Com seu cavalo montaria
Este até gostou da idéia
Porque então descansaria
Teria mais horas de ócio
Pois São Jorge Capadócio
Com o jegue o alternaria

Perguntou a São Jumento
Se queria ir pra Lua
E o Jerico acomodado
Respondeu estar na sua
Não queria confusão
Tava ali como bicão
E pra sair, não amua

Aí o jegue acertou
Tudo com o bom guerreiro
Foi pro salão e pediu
A palavra bem ligeiro
Fez um discurso bonito
Que até São Benedito
Gravou todo por inteiro

-Se é para o bem de todos
E felicidade geral
Eu vou morar lá na Lua
Ter a vida jumental
Sem precisar fazer guerra
Ficar olhando a Terra
Do meu alto céu astral

Pois Lua também é Céu
E é lugar cobiçado
Mesmo começando a ser
Lugar de ente cassado
Que nada tem no alforge
Começando por São Jorge
Para ser continuado

Aí todos aplaudiram
Bateram palmas a valer
O vinho já corria solto
Pra todo mundo beber
E São Cristovão foi lá
Para o jumento abraçar
Ficou amigo de feder

Então mandaram tocar
Um baião do bem lascado
Dançaram anjos com almas
Bailou padre santificado
Dançou virgem com beato
E não houve desacato
Porque era tolerado

Serviram muitos pãezinhos
Nota dez para o bufê
Providenciaram gelo
Que sobrou a derreter
E por não precisar tanto
Caíam por todo canto
E começou a chover

Foi a chuva de granizo
Que virou tal trovoadas
Com os trovões ribombando
Devido àquela zoada
Os mortais da Terra então
Rezaram a oração
Pensando na data marcada

Acharam ser nosso mundo
Que estava se acabando
Pois chovia gelo roxo
Se viu menino chorando
Se viu mulher já parindo
E loucos até sorrindo
E os casais se abraçando

Porque abriram as torneiras
Das adegas de conserva
Tiveram tamanho abalo
Que quase finda a reserva
Pra reza da Santa Missa
E partiram da premissa
Que o Dono não se enerva

Pois o Céu é um Império
Que é bastante democrático
Lá tem um Rei sempre eterno
É um Estado teocrático
Mas é uma Democracia
Parecendo uma Anarquia
Como no forró ocrático

Depois todos adormeceram
Curando porre divinal
Ficaram de alma lavada
Numa paz celestial
Dormindo o sono dos justos
Mesmo sem saber dos custos
Daquele vinho bacanal

(continua na contracapa)

Aquilo foi que foi festa
Que há muito não se via
Segundo anotou São Pedro
Com toda sabedoria
Quem não tinha pago a taxa
Ele apagou com borracha
Deu a sua anistia

O jumento acordou grogue
E foi logo se espojar
Ainda zonzo acordou
São Jorge prá se mandar
De ninguém se despediram
Caladinhos logo saíram
E foram pra Lua morar

E não houve infernação
Mais no "Reino do Além"
Pois todos têm seu lugar
E voltou a paz também
Eles todos vivem régulos
Pra todos e demais séculos
Doutros séculos, amém!

M-e perdoe o Santo Pai
A- estória não tem ciência
X-utei mas de brincadeira
A-penas foi coincidência
D-e tratar o Céu como festa
O-usando pô-lo em evidência

São Paulo -SP., dezembro de 1979.